

A tomada do Rio de Janeiro pelos franceses em 1711

René Chartrand

Curador Senior do Canada's National Historic Sites por quase 3 décadas é hoje escritor free-lancer e consultor histórico. É autor de muitos livros publicados na Inglaterra e na América do Norte.

Tradução: Adriana de Matos Peixoto Rogerio
Revisão: Luiz Astorga

RESUMO

Este trabalho narra os esforços militares da coroa francesa em 1710 e 1711, que em duas campanhas navais tentou obter controle daquela que, 300 anos atrás, era a maior colônia lusitana do mundo: o Brasil. Neste artigo levase em conta a influência da peculiar geografia da Cidade do Rio de Janeiro, tanto nos planos franceses de tomada quanto nos recursos portugueses para a defesa do seu território.

PALAVRAS-CHAVE: campanhas navais francesas no Rio de Janeiro, Jean-François Duclerc, Duguay-Trouin

ABSTRACT

This work describes the French crown military efforts (through two naval campaigns in 1710 and 1711) to obtain control of Brazil - the biggest Portuguese colony 300 years ago. This paper also tells of the influence of Rio de Janeiro's peculiar geography, regarded both in French plans of taking over and in Portuguese defense resources.

Keywords: French naval campaigns in Rio de Janeiro, Jean-François Duclerc, Duguay-Trouin

RIO: O NOVO EL DORADO

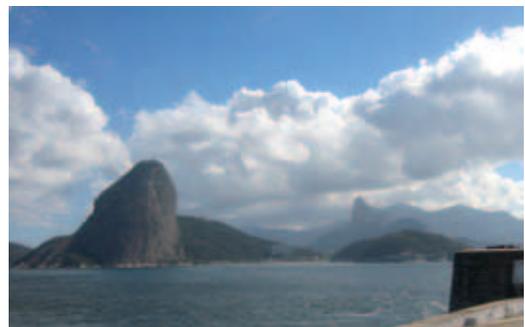
Há três séculos, o Brasil era uma colônia portuguesa, e já o mais importante domínio lusitano no mundo: sua população contava em torno de 300 mil almas. Um pouco esquecido pelas outras potências europeias, Portugal se torna, após o século XVI, um Império colonial na Ásia (Goa na Índia, Macau na China e Timor), na África (Moçambique, Angola e as Ilhas de Cabo Verde) e, na América, o Brasil. Após as primeiras e difíceis rivalidades com os holandeses, que são finalmente expulsos do País no século XVII, o Brasil inicia uma expansão considerável, graças à descoberta de metais preciosos. A cada ano, o ouro e os diamantes provenientes das minas são enviados ao Rio de Janeiro, a cidade mais importante do Brasil, que contabiliza quase 12 mil habitantes. Os tesouros são então embarcados numa Esquadra destinada a Lisboa. No início do século seguinte, os comboios destinados a Portugal já despertavam a cobiça. A cidade do Rio de Janeiro figurava, no imaginário de muitos europeus, como um novo El Dorado, com ruas revestidas de ouro!



A Fortaleza de Santa Cruz da Barra. Construída pelos portugueses a partir de 1567, é a maior das defesas que guardam a entrada da baía. Em 1711, esta fortificação encontrava-se munida de “quarenta e oito grandes canhões, variando entre dezoito e quarenta e oito libras; e de uma outra bateria de oito peças, situada um pouco para o exterior deste forte”, segundo Duguay-Trouin – ou de 44 canhões, segundo as fontes brasileiras. Seu aspecto atual data de aproximadamente 1860, quando se construíam as baterias em casamatas sobrepostas por ordem do Imperador D. Pedro II. Fotografia do autor.

Os corsários franceses mostram-se particularmente interessados pelo Brasil e seus tesouros. A partir de 1706, começam a esboçar-se planos para tomar posse de seu ouro. Àquela época, a guerra grassa pela França e por quase todos os países da Europa, incluindo Portugal. A Esquadra francesa, a despeito de quaisquer reveses, é ainda deveras formidável; atacar a Esquadra portuguesa no trajeto Brasil-Portugal é algo concebível, embora comporte alguns elementos imponderáveis, vinculados às comunicações existentes na época: não se pode saber com certeza quando partirá a Esquadra em comboio, ou qual será seu trajeto. E, se se chega a interceptá-la, mesmo assim o sucesso não é garantido, pois os portugueses são bons marinheiros e bons combatentes a bordo das suas bem armadas embarcações de guerra. A opção de interceptar a Esquadra portuguesa é rejeitada, em favor de uma ação mais audaciosa: o ataque e a tomada do Rio de Janeiro! Tal empresa é muito arriscada, mas multiplicam-se as perspectivas de lucro: o butim compreenderá não somente a carga de ouro, mas também tudo aquilo que uma grande cidade comporta em riquezas, quer se a saqueie,

quer se exija por ela um pesado resgate. Mas apesar o Rio de Janeiro, por sua vez, não é nenhuma sinecura. A entrada do porto é protegida por poderosas fortificações das quais uma, a de Santa Cruz da Barra, é praticamente uma cidadela. Em si mesma, a cidade não é circundada de fortes muralhas, pois o acesso por terra é relativamente difícil. Não obstante, lá se encontra o Forte de São Bento. Não se pode planejar um longo sítio para



Vista da entrada da Baía do Rio de Janeiro. À esquerda, o Pão de Açúcar. À sua direita, o Forte de São João. Atrás, o pico sobre o qual se assenta, desde 1931, a enorme e célebre estátua do Cristo Redentor. Fotografia do autor, tirada na Fortaleza de Santa Cruz da Barra.

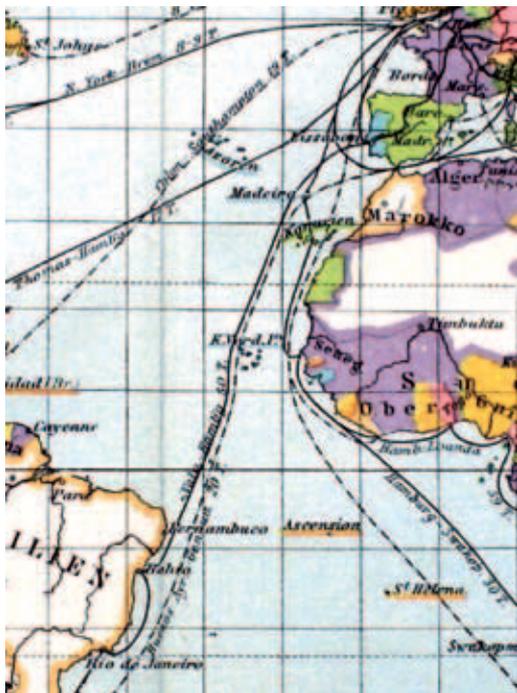
esta cidade: os reforços de tropas e milícias, vindos dos distritos vizinhos, arriscariam subjugar os atacantes por seu número. Deve-se então tomar o lugar rápida e subitamente.

1710 : O ATAQUE DE DUCLERC

Em 1710, o Capitão Jean-François Duclerc tenta a sua sorte. À frente de uma Esquadra de cinco vasos de guerra, tendo a bordo aproximadamente mil soldados das Companhias independentes da Marinha¹, Duclerc parte de Brest e, em 8 de agosto, chega às paragens do Rio de Janeiro. Os franceses descobrem então que a entrada da baía está protegida por grandes fortificações, e que seus navios correm o risco de sofrer sérias avarias, ou de ser afundados por seus adversários. Tentar

enfrentar essas defesas costeiras é quase suicídio. Todavia, não é o caso de voltar à França de mãos abanando; adota-se então uma outra tática: desembarcar um poderoso destacamento de tropas e, seguindo por trilhas, tomar de assalto a cidade pelo lado da terra firme. A Esquadra passa as semanas seguintes a rondar ao longo da costa, em busca de um ponto propício ao desembarque. Nesse ínterim, os portugueses avistam a frota francesa, soa-se o alarme em toda a região e mobilizam-se as milícias. O moral dos defensores é excelente, e eles estão confiantes de que conseguirão desbaratar aqueles a quem consideram um grupo de piratas.

Em 11 de setembro, Duclerc envia cerca de mil homens para desembarcar na Baía de Guaratiba, a aproximadamente 50 quilômetros ao Sul do Rio de Janeiro. Eles marcham em direção ao interior e tomam as trilhas que os levam à cidade. De sua parte o governador do Rio, Francisco de Castro Morais, dispõe de 2.700 homens, divididos em quatro corpos. A maioria é de milicianos, uma vez que existem apenas algumas centenas de soldados regulares na guarnição. Uma parte de suas tropas atua como corpo de vigilância e, às escondidas e em paralelo, marcha no mesmo sentido da coluna francesa. Concomitantemente, cava-se um grande valado circundando o lado interior da cidade, e constroem-se baterias temporárias nas áreas mais vulneráveis. Nos dias 18 e 19 de setembro, os franceses atacam a cidade e alguns logram invadi-la, mas os portugueses os esperam inarredáveis e, em pouco tempo, os franceses encontram-se encurralados entre duas linhas de fogo. E trava-se duro combate durante horas. Aproximadamente 280 franceses são mortos e outros 650, sendo 46 deles oficiais, depõem suas armas e rendem-se. Dentre esses últimos, Duclerc é feito prisioneiro. É um desastre. A Esquadra francesa é obrigada a abandonar os prisioneiros à sua sorte e deixar a costa do Brasil.



Trajeto da França ao Rio de Janeiro. Mais de 8 mil km a percorrer. Detalhe de um mapa do atlas Sydow-Wagner (1907). Coleção particular; fotografia do autor.

¹ No início da década de 1680, mais uma guerra se iniciou entre os franceses e os Iroquois, que, por mais de uma década, atacava os colonos franceses. O Governo francês inicialmente enviou tropas regulares para guardar permanentemente a colônia. Elas ficaram conhecidas como as “Compagnies franches de la Marine” (“as companhias independentes da Marinha”); elas não pertenciam realmente à Marinha, mas à infantaria colonial da guarnição das cidades e fortes. O nome *Marine* (Marinha) se deve simplesmente a que o Ministro da Marinha havia sido o responsável pela administração dos territórios da França na América, e as tropas que tinham sido enviadas para defender as colônias pertenciam àquele ministério, e não ao Ministério da Guerra, que era responsável pelas tropas terrestres na Europa.



A cidade do Rio de Janeiro, por volta de 1710. À direita, o Pão de Açúcar, que domina o estreito da entrada da Baía do Rio de Janeiro. Em 1710, a cidade não possuía fortificações importantes, mas cavava-se um valado pouco antes do ataque de Duclerc. Reconstituição de Guta. Museu Naval, Rio de Janeiro. Fotografia do autor.

1711: RETORNO AO RIO COM DUGUAY- TROUIN

Na França, a notícia do fracasso de Duclerc é acompanhada de relatos sobre agressões e maus-tratos infligidos no Rio, pelos portugueses, contra os cerca de 650 prisioneiros fran-



O Almirante René Duguay-Trouin. Gravura antiga. Coleção particular; fotografia do autor.

ceses, principalmente quanto a fazê-los morrer de fome. A indignação atinge seu ápice quando se escuta que Duclerc aparentemente morreu assassinado, dizem alguns, por ordem do próprio governador do Rio. Esta acusação é rechaçada pelos portugueses, mas é forçoso constatar que Duclerc realmente foi morto prisioneiro sob circunstâncias obscuras.

A vingança por esta derrota e este assassinato torna-se, pois, o tema do momento na França. Faz-se mister o esforço de reunir uma frota de maior porte que a anterior e pôr à sua frente um comandante capaz de atacar e tomar o Rio de Janeiro. Este homem é René Duguay-Trouin. Nascido em Saint-Malo, em 1673, ele se destaca desde os 18 anos de idade como capitão corsário e, seis anos depois, como comandante na Real Marinha Francesa. Em 1705, é promovido a Chefe de Esquadra. Seus feitos contra os comboios inimigos são quase lendários; ele não somente logra capturar numerosos navios mercantes, como também destrói os navios de guerra que os escoltam. Sua reputação está então no apogeu, e é ele a pessoa indicada para levar a cabo tal expedição.

Por outro lado, se os marinheiros e os navios de guerra estão disponíveis para esta nova empreitada brasileira, está escasso o dinheiro para financiar a expedição. A França se encontra, de fato, nos piores anos da guerra de Sucessão Espanhola. Mesmo assim, a Marinha Real consegue contribuir

com 17 navios. A atração exercida pelas riquezas do Brasil promete lucros fabulosos em caso de êxito, de modo que os milhões necessários para custear o equipamento e o armamento desta frota são emprestados por uma sociedade composta de armadores e banqueiros. Em junho de 1711, os navios reunidos, tendo a bordo milhares de soldados e marinheiros, deixam o porto de Brest sob o comando de Duguay-Trouin.

As tropas francesas de desembarque compõem-se de um considerável contingente de 2.200 oficiais e soldados das Companhias independentes da Marinha. Este corpo é o ancestral das Tropas da Marinha dos dias de hoje e, assim como os *marsouins*² atuais, trata-se de soldados de elite. Um destacamento de mil homens desta companhia participou, no ano anterior, da malfadada expedição de Duclerc contra o Rio de Janeiro. O contingente de tropas da Marinha a bordo da Esquadra do Almirante Duguay-Trouin é muito mais numeroso, e todos os seus oficiais e soldados esperam vingar seus cama-



Marins franceses da época de Louis XIV. Gravura por Marcel Toussaint. Coleção particular; fotografia do autor.

radas humilhados. Agregam-se ao destacamento 300 guardas-marinha e voluntários. Finalmente, cerca de 800 marinheiros armados também desembarcarão dos navios. O total de combatentes franceses eleva-se então a aproximadamente 3.300 homens.

Faz-se sem problemas a longa travessia e, em 11 de setembro, avistam-se as colinas em forma de cone, cobertas de vegetação verdejante, que circundam a Baía do Rio de Janeiro.

DEFESAS DO RIO DE JANEIRO EM 1711

Estimam os franceses que a guarnição do Rio de Janeiro e de sua região conta com 13 mil homens, ali contendo cinco regimentos de tropas regulares *compostas de soldados seletos*, diz-nos Duguay-Trouin, recentemente chegados de Portugal; isso sem levar em conta um grande número de negros treinados. Essas informações são deveras confusas; elas indicam que na França têm-se poucas informações confiáveis sobre a guarnição da cidade. Segundo as fontes brasileiras, mais confiáveis, o total é muito mais modesto:

Guarnição do Rio de Janeiro em setembro de 1711

Tropas regulares:

Dois terços (regimentos) do Rio de Janeiro: 590 homens

Terço (regimento) da Colônia de Sacramento: 300 homens

Soldados destacados das tropas da Marinha: 400 homens

Milícias:

Terço da Nobreza: 550 homens

Dois terços da Ordenança: 780 homens

Companhia de Moedeiros (empregados da Casa da Moeda): 50 homens

Total:

2.670 homens, dos quais 1.380 são milicianos.

Em verdade, não há senão três terços (o nome será mais tarde substituído por "regimentos") regulares totalizando 1.290 soldados profissionais. Mas, à parte os 400 soldados de Marinha, esses soldados não provêm de Portugal; eles fazem parte das unidades perma-

² Literalmente, "botos" é o apelido dado aos Fuzileiros Navais franceses. [N. do T.]

nentes do Rio de Janeiro e da Colônia, cidades das quais tomam seus nomes. O primeiro é o Terço Velho do Rio de Janeiro, organizado em 1567 a partir de companhias independentes. O segundo corpo, formado em 1699, é o Terço Novo do Rio de Janeiro. O Terço de Colônia do Sacramento, segundo as informações obtidas pelos franceses, seria possivelmente a tropa que representa os reforços de Portugal. Em verdade, trata-se de um corpo de infantaria colonial originário da cidade de Colônia, no Sul do País. É possível que os navios portugueses tenham desembarcado recrutas destinados aos regimentos coloniais vindos da metrópole, mas certamente não em grande número. O contingente de tropas da Marinha compõe-se de soldados desembarcados de navios de guerra. Até 1736, não haverá uma unidade distinta de artilharia no Brasil: os artilheiros locais encontram-se distribuídos entre as tropas coloniais regulares.

As milícias compõem-se de brancos de origem portuguesa. As tropas negras mencionadas por Duguay-Trouin são sem dúvida uma alusão às unidades de negros livres denominados "Henriques", em homenagem a Henrique Diaz, chefe de uma valorosa tropa de negros contemporânea aos combates contra os holandeses no século XVII. Posteriormente, as unidades de milícias disciplinadas compostas por homens de origem africana passam a ser conhecidas por este nome,

e encontram-se situadas principalmente mais ao Norte. Na época do ataque francês, não há tais unidades no Rio de Janeiro.

Quando chega a frota de Duguay-Trouin, encontram-se fundeados na baía quatro vasos e três fragatas da Marinha portuguesa. Os vasos constam nas memórias de Duguay-Trouin como estando armados com 56 a 74 canhões cada, e as fragatas, com 36 a 40 canhões cada. Segundo o comandante, estes navios foram enviados pelo rei de Portugal como reforço para o Rio de Janeiro.

Os fortes que guardam o acesso à baía constituem o obstáculo principal. Trata-se: do grande Forte de Santa Cruz da Barra (44 canhões), do Forte de São João (30 canhões), da bateria Praia de Fora (6 canhões), da bateria Praia Vermelha (12 canhões), da bateria Villegagnon (20 canhões), da bateria Boa Viagem (10 canhões) e do Forte da Ilha das Cobras (12 canhões).

Aproximadamente 600 soldados estão destacados para estes fortes. Peças adicionais de artilharia encontram-se montadas dentro da cidade.

A TOMADA DA CIDADE

Duguay-Trouin sabe que, para obter êxito, é necessário penetrar imediatamente a baía. Ao seu comando, os navios formam uma linha que se lança em direção à en-



Mapa que mostra a frota francesa do Almirante Duguay-Trouin transpondo a entrada da baía, em 12 de setembro de 1711. Museu Naval, Rio de Janeiro. Fotografia do autor.

trada. Os fortes e baterias abrem fogo, os canhões dos vasos franceses respondem e, apesar de uma saraivada de balas, transpõem o estreito e penetram a baía. Abrem fogo os canhões de proa dos navios portugueses, mas sem melhor resultado que o dos fortes. Nenhum dos navios franceses é afundado, embora recebam numerosos golpes e percam por volta de 300 homens. Por sua vez, as baterias dos fortes recebem fogo de dois vasos de 74 canhões, um de 70, três de 66 e um de 56, assim como os tiros de numerosas fragatas. A frota está na baía e, pouco depois, centenas de soldados das companhias independentes da Marinha tomam de assalto o forte sobre a Ilha das Cobras, que então capitula. A tomada deste forte é importante porque ele está próximo às docas da cidade. Os homens de Duguay-Trouin apontam seus canhões para o Rio de Janeiro. Durante a semana seguinte, as tropas francesas se apoderam de todos os fortes ao redor da baía. Na noite de 20 de setembro, Duguay-Trouin estima que se pode tentar o assalto com sucesso; durante a noite, faz seus preparativos no intuito de lançar seus homens ao ataque no raiar do dia.

Na cidade reina o pânico, e durante a noite o Rio é abandonado por seus habitantes, na mais completa confusão. As tropas regulares portuguesas, que acumulam reverses há mais de uma semana, cedem igualmen-

te ao pânico, amotinam-se, pilham e incendiam residências antes de dispersar-se em desordem nas colinas vizinhas, junto com os cidadãos. As fortificações estão debilitadas, mas os franceses, prudentes, neutralizam-nas logo no momento em que entram na cidade. Na manhã de 21 de setembro o Rio de Janeiro é ocupado pelas tropas francesas. Duguay-Trouin exige um pesado resgate; do contrário, fará destruir a cidade. Os portugueses curvam-se e pagam uma quantia substancial. De sua parte, Duguay-Trouin sabe que não pode ocupar a cidade por muito tempo. Com o passar dos dias, chegam aos arredores da cidade milhares de soldados e milicianos portugueses. Mesmo assim, só em 13 de novembro a frota francesa deixará o Rio de Janeiro para retornar à França.

Durante seu regresso, a frota enfrenta uma terrível tempestade ao largo dos Açores e naufragam dois vasos com aproximadamente 1.200 homens a bordo, assim como uma parte do butim no valor de 600 mil libras. Perde-se também um terceiro vaso na Guiana Francesa, mas salva-se sua carga. O resto da frota aporta sem problemas na França. Financeiramente a operação é bem satisfatória: a despeito das perdas, a parcela de lucro é de 92 por cento! A novidade da tomada do Rio de Janeiro gera alegria em toda a França, assolada pelas más notícias provenientes dos campos de batalha em Flandres.



Em 12 de setembro de 1711, a frota francesa do Almirante Duguay-Trouin – visto que “o êxito de esta expedição dependia da rapidez” – força a entrada na Baía de Guanabara, sob fogo das baterias portuguesas. À direita, um navio português tenta sem sucesso opor-se à Esquadra francesa. Museu Naval, Rio de Janeiro. Fotografia do autor.

É também um choque para os países em guerra contra a França. Apesar de significativos reveses, esta revela-se ainda muito combativa e capaz de desferir golpes retumbantes contra seus adversários, até nas mais extremas condições. Portugal sofre enormes perdas no Brasil, evidentemente, mas também a Inglaterra compreende que o poderio naval francês segue formidável e

que de fato a França de Luís XIV está longe de ser derrotada. Pouco depois, o Marechal Villars triunfa em Denain. Alguns afirmam que a notícia da tomada do Rio de Janeiro, aliada a esta vitória, induz os diplomatas ingleses a negociar a paz. Ela será definitivamente firmada menos de dois anos depois que o pavilhão francês tremulou sobre a Baía do Rio de Janeiro.

A indumentária das tropas portuguesas que defendem o Rio de Janeiro assemelha-se talvez a esta reconstituição de infantaria, de cerca de 1720. Em primeiro plano, um soldado; em segundo plano, um oficial porta-estandarte. Este modelo de estandarte, que comporta a cruz agironada, é comumente o empunhado pelas unidades de infantaria portuguesa. Nesta época, tais soldados normalmente trajam um uniforme cinza e branco. As tropas da Marinha portuguesa, porém, empregam as cores verde e vermelha. Prancha de Carlos Ribeiro. Revista *Defesa Nacional* (Lisboa).



Soldados das companhias independentes da Marinha. Início do século XVIII. Cópia de um documento da época. Coleção particular; fotografia de Jean Boudriot.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

René Duguay-Trouin, "Entreprise contre Rio-Janeiro" dans ses *Mémoires* (1740 e numerosas edições posteriores).

Augusto Tasso Fragoso, *Os Franceses no Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro, 2004).

Hugo G. Bordes Fortes, *Canhões Cruzados* (Rio de Janeiro, 2001).